

***Relatório semanal de Conjuntura
e Mercado Financeiro***

(Período de 16/02/09 a 20/02/09)

Tivemos mais uma semana de nervosismo e instabilidade nos mercados, onde o pacote de socorro ao sistema financeiro ainda não convenceu e vários bancos americanos e europeus estão com dificuldades.

O fato é que a turbulência está se espalhando, derrubando bolsas pelo mundo inteiro, inclusive no Brasil. Novas frentes de crise aparecem, como é o caso dos bancos do Leste Europeu em sérios apuros e dos novos países que estão entrando em recessão. Bom exemplo disso é a Rússia, onde a produção industrial registra quatro meses seguidos de queda, com 18% de queda em janeiro, depois de ter amargado 10% de queda em dezembro.

Nos Estados Unidos, foi divulgado esta semana o pacote de socorro ao mercado imobiliário, que custará US\$ 275 bilhões. A crise imobiliária já dura dois anos, e na quarta-feira o governo Obama anunciou um plano específico para tentar conter os despejos e a queda no valor dos imóveis. Foram disponibilizados US\$ 75 bilhões para tentar diminuir a inadimplência e ainda US\$ 200 bilhões para capitalizar as duas gigantes hipotecárias, Fannie Mae e Freddie Mac.

Neste novo plano, nove milhões de famílias vão receber ajuda do governo: são as pessoas que tem, ou possam ter, problemas para pagar a casa própria. O plano terá ações diferenciadas, de acordo com o tipo de mutuário: três milhões de mutuários que estão com risco de perder a casa imediatamente receberão subsídio direto e o banco será incentivado a renegociar a hipoteca; e os outros seis milhões de mutuários que estão pagando terão suas dívidas e condições de pagamento renegociadas, por estarem incorrendo em juros maiores do que o que seria justo. O fato do valor das casas ter caído e ficado menor com a dívida fez com que a parte que o comprador já pagou fosse menor do que o exigido pelo banco para que ele possa ter juros baixos e, neste caso, os bancos receberão também um subsídio para cobrar juros menores do mutuário. A maior parte do dinheiro, US\$ 200 bilhões, vai comprar ações das duas gigantes que refinanciam as hipotecas, Fannie Mae e Freddie Mac, os bancos imobiliários americanos. O

que os analistas estão dizendo, porém, é que o pacote é maior do que o previsto, mas não vai salvar todo mundo. Quem comprou uma casa muito acima de suas possibilidades acabará não sendo socorrido.

Apesar de alguns analistas estarem dizendo que o plano subestimou o tamanho do buraco no mercado de imóveis, que pode chegar a US\$ 500 bilhões, o importante é que a grande vantagem desse pacote é que ele ataca o problema principal, a crise no mercado imobiliário norte-americano, estopim da derrocada da economia do país. É um problema longe de ter sido resolvido, que a cada dia leva dez mil famílias a perderem suas casas, mas o governo de Barack Obama está focado nos problemas que interessam.

Com isso, foram três pacotes em dez dias. Um para resgatar os bancos, que não convenceu; outro de estímulo econômico aprovado pelo Congresso; e agora este, específico para o mercado imobiliário.

Em relação ao pacote para o sistema financeiro, com as incertezas e dificuldades que têm marcado seu estabelecimento, a estatização (ou nacionalização, para adotar o termo usado por lá) tem sido defendida até pelos maiores adeptos do liberalismo. Seria uma medida transitória, não permanente, que começa a ser cada vez mais discutida, apesar das barreiras ideológicas impostas pelo sistema de mercado. O governo norte-americano encara três limitações básicas ao plano, fazendo com que a idéia da nacionalização ganhe força: não consegue eliminar a desconfiança do mercado, dando uma dimensão real do problema no sistema financeiro; pelos entraves legais do sistema não consegue impor o fato de que o investidor de risco que subscreveu ações do banco não pode ser salvo, garantindo apenas o depositante e o poupador; e não garante a não contaminação de um banco sólido que tiver absorvido um banco com problema. Um bom exemplo disso ocorreu com a compra do Merrill Lynch pelo Bank of America onde, depois de uma longa due diligence (auditoria) e completada a aquisição, o Bank of

America comunicou ao Fed que tinha subestimado os problemas do banco adquirido, reabrindo a temporada de problemas.

Para destravar o crédito e salvar o sistema, uma boa maneira de agir seria adotar os moldes do nosso Proer, onde o governo assume, nomeia administradores, os acionistas perdem suas ações e o governo separa o banco bom e vende. O maior problema para isso nos Estados Unidos é que a lei americana não pune o acionista controlador.

Por falar em Brasil, o mercado de trabalho continua sendo nossa fonte de notícias ruins, em uma semana onde tivemos o aumento de desemprego medido pelo IBGE, fechamento de vagas no mercado formal, apurado pelo Caged, e as demissões da Embraer. Para piorar, as perspectivas são de manutenção da alta do desemprego nos próximos meses, apoiadas pelo fato de que o desemprego, que vinha sempre caindo de patamar em relação ao mesmo mês do ano anterior, parece ter mudado de trajetória a partir de janeiro, que ficou acima do mesmo mês de 2008.

Contudo, apesar de não estarmos imunes à crise, sinais de melhora vêm surgindo. A divulgação das vendas no varejo de dezembro, pelo IBGE, mostrou que a queda foi pequena para o tamanho da crise e os bens de menor valor, como roupa e calçados, neutralizaram em parte a queda da venda de carros. Além disso, o país teve superávit comercial nos primeiros 15 dias de fevereiro e as previsões são de que feche o ano com superávit comercial. Ainda no mesmo sentido, a produção de carros recuperou em parte, e aqui o mercado é dominado por empresas que não estão em crise lá fora. Adicionalmente, os bancos aqui estão sólidos e a briga é para que eles diminuam juros, ao que se comprometeu a Federação Brasileira dos Bancos (Febraban). Finalmente, a Selic, taxa básica de juros do Banco Central do Brasil (BACEN), vem caindo e as previsões são de quedas adicionais e consecutivas para as próximas reuniões do BACEN, no sentido de reaquecer a economia do país.

Cenário Internacional

O Produto Interno Bruto (PIB) na área da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) sofreu uma queda recorde de 1,5% no quarto trimestre de 2008 em relação ao trimestre imediatamente anterior, de acordo com estimativas preliminares. Trata-se da maior queda desde que a OCDE começou a registrar seus dados, em 1960. Entre os países afetados estão os Estados Unidos (com uma queda de 1%), a Grã-Bretanha (com queda de 1,5%), Itália (-1,8%), Alemanha (-2,1%) e Japão (-3,3%). Também são membros da OCDE outros países da União Européia, Canadá, Coreia do Sul, México, Turquia, Islândia, Suíça, Austrália e Nova Zelândia. Em relação ao mesmo trimestre no ano de 2007, a queda média foi de 1,1%, novamente puxada pelo mau desempenho de Japão (queda de 4,6%), Itália (-2,6%), Grã-Bretanha (-1,8%) e Alemanha (-1,6%). Nos Estados Unidos, a queda neste critério foi de 0,2%.

Nos Estados Unidos, o Fed divulgou, na quinta-feira, a ata da última reunião de janeiro. A Ata da reunião reforçou a expectativa de que a contração forte na economia real dos Estados Unidos se mantenha. O texto rebaixa a previsão de crescimento da economia em 2009, que agora está com expectativa de retração entre 0,5% e 1,3%. Na última ata, a previsão era de retração entre 0,2% e crescimento de até 1,1%. Para 2010 e 2011, as projeções também foram revisadas, para um crescimento de 2,5% a 3,3% e de 3,8% a 5%, respectivamente. As revisões levaram em conta o forte aperto creditício e as expectativas futuras de quedas nos preços, sendo que alguns dos membros do Fed até consideraram riscos de deflação. Neste sentido, pela primeira vez, o Fed sinalizou uma meta de inflação, dizendo no texto que a expectativa é de que ela fique em 2% no longo prazo. Ao contrário do Banco Central brasileiro e de vários outros países, o Banco central americano não sinalizava taxas de inflação até então. A mudança de postura é uma decisão do presidente do Fed, Ben Bernanke,

que acredita que o mercado poderá enxergar com mais transparência as ações do banco. Também se considerou a compra de Treasuries, como opção de medida de política monetária.

Frente a estas perspectivas pessimistas para a economia do país, o presidente Barack Obama procura combater os efeitos da crise através da implementação de seus planos de ajuda a economia, como mencionamos na introdução. Após a aprovação do pacote de auxílio à economia pelo Congresso norte-americano, Barack Obama elogiou a ação dos parlamentares e complementou afirmando que esse é apenas o início de um processo de mudança da economia. Do montante total de US\$ 787 bilhões, 36% serão destinados a cortes de impostos e 64% a gastos sociais. O plano aprovado manteve cláusulas protecionistas para a compra de manufaturados, aço e ferro, sendo que esses produtos usados em obras públicas terão que ser nacionais. As medidas protecionistas receberam críticas do G-7, grupo das sete nações mais desenvolvidas do mundo, que manteve seu discurso alegando que essas medidas poderão minar a retomada do crescimento econômico.

Na quarta-feira, Barack Obama lançou um plano de ajuda para mutuários, desenhado para que eles não percam suas casas, caso não consigam cumprir a hipoteca. A proposta do plano é subsidiar refinanciamentos de hipotecas, destinando US\$ 75 bilhões para este fim. Os incentivos do programa serão dados através de doações de US\$ 1 mil para cada hipoteca refinanciada contanto que, caso isto aconteça, o valor das parcelas não seja superior a 31% da renda da família. Para aqueles que pagarem as hipotecas em dia ao longo de três anos, também será dado US\$ 1 mil por ano. Complementando este pacote, o Tesouro e o Fed terão US\$ 200 bilhões destinados a compras que mantenham os juros de hipotecas baixos, como títulos lastreados a hipotecas e a ações da Fannie Mae e Freddie Mac, agências voltadas a este tipo de financiamento.

No que diz respeito aos indicadores econômicos, o enfraquecimento da economia norte-americana vem se dando de forma generalizada, e ainda se intensificando neste início de ano. Dados divulgados na quarta-feira ilustram este cenário recessivo que vem se desenhando: a atividade industrial não dá sinais de retomada, o mercado imobiliário continua a se deteriorar, e as fracas perspectivas para a retomada da demanda favorecem a queda dos preços em âmbito mundial.

Tivemos queda recorde de 12,5% dos preços de importação nos Estados Unidos em janeiro, surpreendendo as expectativas de -11,2%, sendo que em dezembro caíram 10,3% na comparação interanual. Em relação a dezembro, os preços apresentaram uma recuperação, subindo de -5,0 no mês anterior para -1,1%, em linha com as expectativas. Esta queda dos preços é puxada pela retração das cotações das commodities nos últimos meses, principalmente os preços de energia, sendo que, os preços excluindo petróleo recuaram 0,8% na margem. O efeito direto desta desaceleração dos preços dos produtos importados será sentido na inflação do atacado, ainda que o ritmo de queda esperado seja menor.

O mercado imobiliário continua enfraquecido, haja vista o resultado da construção de novas casas que caiu 16,8% na margem, em janeiro (com ajuste sazonal), atingindo o recorde de baixa de 466 mil, abaixo das projeções de 529 mil, sendo que o número de dezembro foi revisado para 560 mil. Na comparação interanual, as construções retraíram 56,2%. Na mesma direção, as licenças para construção recuaram 4,8%, para 521 mil em relação a dezembro, quando atingiu 547 mil.

Ainda em relação ao mercado imobiliário, depois de cinco meses de queda consecutiva, o índice NAHB, que mostra a confiança das empresas do setor imobiliário norte-americano, apresentou ligeira alta para 9 pontos, ante 8 pontos observados em janeiro. A alta se deveu ao componente que mede as condições de vendas atuais, que subiu para 7 pontos, ante 6 pontos registrados no primeiro mês do ano, enquanto as expectativas de vendas para os próximos seis meses

caíram de 17 pontos para 15 pontos neste mês, alcançando novo recorde de baixa. Esses resultados confirmam a manutenção de um cenário ruim para o mercado imobiliário dos Estados Unidos, na medida em que a demanda ainda é baixa e o número de despejos ainda é alto, fazendo com que os imóveis continuem a perder valor. No entanto, espera-se que as medidas do plano de estímulo econômico aprovado pelo presidente Barack Obama ajudem a retomar lentamente a confiança no setor.

Por fim, a produção industrial norte-americana também manteve sua trajetória de deterioração, em janeiro apresentou queda de 1,8%, enquanto que a utilização da capacidade instalada caiu 72,0% na margem, atingindo o menor nível desde 1983. As expectativas do mercado eram de -1,5% e +75,0%, respectivamente. Para dezembro, os dados foram revisados para baixo, a produção recuou 2,4% enquanto que 73,3% da capacidade instalada foram utilizadas. A produção de manufaturados caiu 2,5%, depois de retrair 2,9% em dezembro, e veículos e autopeças, um dos setores mais abalados pela crise, teve 23,4% da sua produção diminuída, sendo que no mês anterior caiu 8,1%. Cabe ainda dizer, que as pesquisas regionais da indústria já referentes a fevereiro sugerem que a situação até piorou neste segundo mês de 2009.

Reforçando os dados negativos para a indústria, o índice regional de atividade industrial Empire Manufacturing, que mede a atividade na região do Fed de Nova York, apresentou queda para -34,6 em fevereiro após recuperação em janeiro, quando havia registrado o patamar de -22,2. O destaque fica para o índice referente ao número de empregados, que recuou de -26,1 em janeiro para -39,1 em fevereiro, e para novos pedidos, que caíram de -22,8 para -30,5. Em relação às expectativas para os próximos seis meses, houve uma piora, de -3,9 para -6,5.

Somado ao cenário descrito acima, o índice de inflação ao atacado PPI apresentou alta de 0,8% em janeiro, superando em muito o resultado anterior (-1,9%). Em 12 meses ainda há deflação no índice, de 1%. O núcleo do índice, excluindo

energia e alimentação, também acelerou, para 0,4%, evidenciando que outros grupos estão contribuindo para a elevação dos preços ao produtor.

Em relação à atividade, a alta de 0,4% dos indicadores antecedentes do crescimento da economia dos Estados Unidos surpreendeu expectativas de estabilidade em janeiro, ante crescimento revisado de 0,2% em dezembro de 2008. Na comparação interanual, porém, houve uma queda de 2,9%. O principal motivo para o crescimento na margem veio do componente do índice relacionado à expansão monetária promovida pelo Fed, que se constitui no aumento para US\$ 1 trilhão na linha do Fed para compra de ativos lastreados em operações de financiamento ao consumidor, somada ao ajuste inflacionário, que favorece a oferta monetária real.

Por outro lado, componentes importantes contribuíram negativamente, como novos pedidos de seguro desemprego e horas médias semanais. O número de americanos que estão recebendo auxílio-desemprego do governo alcançou 4,99 milhões na semana terminada dia 7 de fevereiro. É um número recorde, que cresce pela quarta semana seguida. O total de americanos recebendo auxílio cresceu em 170 mil, enquanto que o número de novos pedidos ficou estável em 627 mil, mas acima do que o mercado previa.

Neste sentido, outro indicador da atividade industrial nos mostra que as condições econômicas estão deteriorando na margem neste segundo mês do ano. O Fed Filadélfia apresentou forte queda em fevereiro, passando de -24,3 para -41,3. As aberturas mostram que os preços pagos melhoraram (-13,7 pontos), ao passo que os novos pedidos pioraram consideravelmente (para -30,3).

Na mesma linha, conforme índice prévio divulgado pela Universidade de Michigan, a confiança do consumidor norte-americano caiu para 56,2 pontos em fevereiro, ante 61,2 pontos registrados em janeiro. De seus componentes, o índice de sentimento das condições atuais foi o único que se elevou, de 66,5 em janeiro para 67,1 em fevereiro. Já o índice de expectativas apresentou intensa queda de

57,8 para 49,1. A retomada da percepção das condições correntes vem em linha com a recuperação das vendas do varejo. Entretanto, na direção contrária, a queda do índice de expectativas reflete a deterioração em curso do mercado de trabalho dos Estados Unidos. Importante também notar a continuação da trajetória de queda das expectativas de inflação para os próximos 12 meses, com redução de 2,2% em janeiro para 1,6% em fevereiro, o que sugere que ainda é difícil a retomada do consumo nos próximos meses.

Finalmente, foi uma semana importante para as montadoras americanas, que precisaram prestar contas do dinheiro que receberam do governo como ajuda para o setor, apresentando seus planos de reestruturação. As montadoras americanas GM e Chrysler estão fazendo de tudo para evitar a concordata, conscientes de que declara concordata significa perder mais vendas pela perda de confiança que isso gerará para o consumidor. Com isso, estão querendo mais US\$ 21 bilhões do governo Obama para continuar operando. A GM já recebeu US\$ 13,4 bilhões em dezembro e quer mais US\$ 16,6 bilhões para ganhar sobrevivência somente até março, ou seja, mesmo que consiga o dinheiro isso não significa que os problemas estarão resolvidos. O seu plano de reestruturação apresentado na terça-feira prevê 47 mil demissões pelo mundo até o final do ano, com fechamento de 5 fábricas nos Estados Unidos até 2012. Posição difícil para o governo, que vai emprestar para uma empresa que vai demitir, na contra mão de toda a política de Obama de criação de empregos. Para piorar, as empresas chegaram a essa situação por falhas de má administração: para se ter uma idéia, a GM gasta US\$ 5 bilhões por ano somente com a conta médica de seus aposentados. Aqui no Brasil nossa GM está tendo lucro, e nosso mercado é dominado por duas empresas européias, a Volkswagen e a Fiat, que estão em situação muito melhor. A própria Fiat pode comprar um pedaço da Chrysler.

Falando agora da Zona do Euro, segundo uma reportagem do jornal inglês The Guardian, baseado num relatório que está sendo elaborado pela Comissão

Europa, os bancos da União Europeia (UE) podem estar com US\$ 23 trilhões de papéis sob risco. Os ministros dos 27 países que integram a UE pretendem se encontrar no dia 28 deste mês para elaborar um plano de ação conjunta de salvamento dos bancos. O temor agora é que a desaceleração econômica, com queda de renda e aumento de desemprego, provoque uma nova onda de inadimplência que dificulte ainda mais a vida dos bancos.

Com o objetivo de minimizar as consequências de uma possível quebra de banco, facilitando o processo para que o governo assumira instituições com problemas, através de empréstimos e garantias do Estado, o governo alemão aprovou na quarta-feira medida que permite a estatização obrigatória de bancos que se tornem financeiramente inviáveis. De acordo com estimativas do mercado, o custo para estatizar as principais instituições financeiras com problemas no país chegaria a cerca de € 280 bilhões. O governo poderá controlar os bancos por um período de até cinco anos e a medida só será usada em último caso, quando falharem todas as outras opções previstas no direito acionário.

Segundo dados divulgados na quarta-feira pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) espanhol, que confirmam aqueles apresentados no dia 12 deste mês, a economia espanhola encolheu 1% no quarto trimestre do ano passado em relação aos três meses antecedentes e diminuiu 0,7% no confronto com um ano antes. Com isso, consolida-se a notícia de recessão na Espanha uma vez que o PIB do país recuou 0,3% entre julho e setembro de 2008.

Em relação aos indicadores econômicos, os PMIs de manufaturados e serviços da Zona do Euro e da Alemanha atingiram suas menores pontuações já observadas em fevereiro, surpreendendo negativamente as estimativas do mercado, indicando contração das economias e acentuando o cenário de recessão.

Na zona do Euro, o indicador para indústria desacelerou de 34,4 pontos em janeiro para 33,6 pontos, aquém das expectativas de 35 pontos. Em serviços, o indicador caiu de 42,2 pontos para 38,9, abaixo das projeções de 42,5 pontos.

Já o PMI da indústria na Alemanha, apesar de mostrar uma ligeira aceleração passando de 32 pontos para 32,2 pontos, ainda caracteriza uma das menores pontuações da série histórica, contra as estimativas de 32,5 pontos. O PMI de serviços atingiu 41,6 pontos contra os 45,2 pontos registrados no mês anterior, sendo que eram esperados 45 pontos. Com a desaceleração da atividade europeia, as empresas continuam cortando a produção para se ajustarem à nova demanda, com impacto direto no mercado de trabalho que apresenta corte de vagas, interferindo negativamente no gasto dos consumidores e nos investimentos das empresas. A expectativa é de um corte na taxa de juros para na próxima reunião do Banco Central Europeu (BCE) que será realizada no início de março, atingindo a taxa de juros mais baixa desde a criação da zona do Euro. A balança comercial europeia apresentou déficit, de € 0,7 bilhão, em dezembro, alcançando o maior saldo negativo desde a introdução do Euro, surpreendendo as expectativas de um saldo negativo em € 6,7 bilhões, lembrando que em novembro o saldo foi revisado para -€ 5,8 bilhões. Com ajuste sazonal, as exportações caíram 0,9% na margem, enquanto que as importações retraíram 3,9%.

Finalmente, diante da deterioração das condições econômicas na Europa, o sentimento econômico dos investidores da região vem apresentando resultados negativos há 19 meses. Entretanto, o índice Zew, que mede a confiança de analistas e investidores da Alemanha, teve uma forte recuperação sobre as expectativas da economia daqui a seis meses. O indicador referente a economia alemã saiu de um resultado de -38 pontos para -5,8 pontos, quando a previsão era que fosse para -28 pontos, de acordo com pesquisa feita pela Reuters. É uma pontuação semelhante a agosto de 2008, mês anterior à quebra do Lehman Brothers. No que se refere à economia da União Europeia também houve forte recuperação, passando de -30,8 pontos para -8,7, ante expectativa de -27,5. Isso significa que embora ainda haja pessimismo para o curto prazo, está voltando a esperança de que as ações dos governos pelo mundo consigam acabar com a

crise sistêmica num prazo de seis meses, para que as economias voltem a funcionar corretamente.

No Reino Unido, a ata do Bank of England (BoE) mais uma vez reforça a deterioração pela qual a economia britânica vem passando diante da intensificação da crise. A Ata ainda reportou a discussão de um corte maior na taxa de juros na reunião realizada nos dias 4 e 5 de fevereiro, lembrando que a decisão de um corte de 0,5 ponto percentual recebeu oito votos do Comitê contra um, que propunha um corte de 1 ponto percentual, devido ao forte arrefecimento da atividade combinado com um cenário benigno para a inflação. Por fim, as perspectivas para o crescimento econômico e a inflação ainda permanecem incertas, mas com viés mais pessimista em relação ao reportado em atas anteriores.

O índice de preços ao consumidor (CPI) do Reino Unido apresentou deflação pelo quarto mês consecutivo em janeiro, registrando uma variação negativa de 0,7%, acima das expectativas do mercado de -1,0%. Vale lembrar que os preços já tinham recuado 0,4% em dezembro. Na comparação interanual, os preços desaceleraram para 3,0%, contra as estimativas de 2,7%, sendo que no mês anterior o CPI subiu 3,1%. O núcleo do índice (excluindo energia, alimento, álcool e tabaco) apresentou alta de 1,3% em comparação com janeiro do ano passado, ante expectativas de 1,0%. O declínio dos preços continua sendo explicado, principalmente, pela queda nos preços de energia.

Adicionalmente, o presidente do banco da Inglaterra, Mervyn King, anunciou que, com a taxa de juros próxima a zero, o Bank of England (BoE) poderá injetar moeda na economia para controlar a inflação e deixá-la longe de chegar abaixo dos 2,0%, considerados como teto da meta.

As vendas no varejo do Reino Unido em janeiro surpreenderam positivamente as expectativas do mercado de queda de 0,1% ao atingir +0,7%, mas desaceleraram em relação a dezembro, quando subiram 1,7%. Na comparação interanual, o indicador também mostrou desaceleração, passando de 4,3% para

3,6%, sendo que era esperado um incremento de 2,1% nas vendas. Os fortes descontos oferecidos atraíram os consumidores principalmente para as lojas de têxtil, vestuário e calçados, que subiram de 2,0% para 6,1%. Por outro lado, os consumidores continuam sem confiança diante do aumento do desemprego e da queda nos preços das imóveis, as vendas nas lojas de artigos para residência desacelerando de 6,9% em dezembro para -4,8% em janeiro.

No Japão, os indicadores econômicos do último trimestre do ano passado confirmam a forte e rápida desaceleração que a atividade deste país sofreu diante da crise financeira internacional. A produção industrial no Japão apresentou o seu pior resultado da série histórica em dezembro, dando continuidade a deterioração da atividade japonesa já observada nos últimos meses. Na margem, a produção registrou queda de 9,8% ante o recuo de 8,5% em novembro. Na comparação interanual, observa-se contração de 20,8%, ante queda de 16,6% registrada no mês anterior. Como conseqüência, a utilização da capacidade instalada contraiu 11,8% na margem, lembrando que no penúltimo mês do ano passado já havia caído 9,42%. Nesta mesma linha, o PIB japonês apresentou sua maior contração das últimas três décadas no quarto trimestre de 2008, de 3,3%, em relação ao trimestre anterior, quase em linha com as expectativas de -3,1%. Já o PIB anualizado recuou 12,7%, surpreendendo negativamente as projeções de -11,6%. As exportações recuaram 13,9% no quarto trimestre, levando as empresas a cortarem a produção, provocando uma queda de 5,3% dos investimentos no período. Finalmente, o consumo interno, que representa 55% do PIB, recuou 0,4% na mesma base de comparação.

Com isso, vemos que a economia japonesa está sendo atingido pela crise por duas frentes: queda das exportações e redução do consumo interno. Empresas como a Toyota, Nissan e Sony já divulgaram que o ano fiscal será de perdas, por conta da queda nas exportações, e que pretendem implementar programas de diminuição da força de trabalho. Com isso, o desemprego no Japão irá aumentar e o peso da demanda sobre o crescimento da economia ficará menor. Para se ter

uma idéia da queda das exportações japonesas, no último trimestre o recuo foi de 14%. Somente em dezembro, a queda foi de 35% na comparação com o mesmo mês do ano anterior. Nos 20 primeiros dias de janeiro a situação ficou ainda pior, com o recuo chegando a 46%. Grande parte das perdas estão concentradas no comércio com a China, que vinham crescendo a uma taxa de 12% no primeiro semestre de 2008. Com o agravamento da crise a partir de setembro, o quadro mudou com o recuo chegando a 36% no mês de dezembro.

As estimativas para a produção industrial do primeiro trimestre apontam queda de 20%. A taxa de desemprego pode subir dos atuais 4,4% para até 6%, que seria recorde histórico.

A reunião do Banco Central do Japão (BOJ) decidiu manter a taxa de juros inalterada em 0,1% ao ano e a leitura em relação à economia foi a mesma reportada de reuniões passadas (assumindo que as condições econômicas japonesas devem se deteriorar por mais tempo). No entanto, a novidade veio do anúncio da aprovação da compra direta de títulos corporativos (de até US\$ 10,7 bilhões) e do prolongamento de programas de ajuda a financiamento às empresas por mais seis meses.

O relatório mensal do Bank of Japan (BoJ) mostrou que a avaliação da economia continua se deteriorando, com o estado atual sendo considerado grave e a atividade do país apresentando mais sinais de forte contração. Na quinta-feira o governo anunciou medidas para tentar trazer alívio a economia, como o anúncio da compra de US\$ 10,7 bilhões de títulos corporativos de empresas em dificuldades diante da crise internacional. Ainda na quinta-feira foi divulgado que o hiato do produto japonês (diferença entre o crescimento do PIB observado e o crescimento potencial, que seria o máximo sustentável sem a geração de pressões inflacionárias) recuou 4,3% no quarto trimestre, elevando o risco de uma deflação na região. O relatório do BoJ ainda confirmou o que já descrevemos, apontando para a forte queda nas exportações, devido a

desaceleração dos pedidos do mundo todo e a diminuição no nível de consumo, que reflete o maior desemprego e o menor nível de confiança dos consumidores.

A China apresentou na quarta-feira o esboço de um esperado plano de apoio à indústria eletrônica e de tecnologia da informação, com o qual pretende impulsionar os investimentos no setor durante os próximos três anos. O comunicado no site do governo chinês (www.gov.cn) deu poucos detalhes sobre este plano, que faz parte de um pacote de estímulo econômico maior, com o qual o estado tenta ajudar os setores que considera essenciais na reação à desaceleração da economia. O documento garante apenas apoio à inovação, ao aumento dos investimentos, ao incentivo do uso doméstico de tecnologias avançadas e às exportações. Antes, Pequim já se manifestou a favor de ajudar 10 setores chaves e anunciou planos que misturam cortes de impostos e subsídios para as indústrias automotiva, do aço e têxtil. Assim como acontece com as concorrentes ocidentais, as empresas chinesas de eletrônicos e tecnologia da informação sofrem com a redução da demanda e estão tendo que apertar os cintos.

Em Taiwan, tivemos esta semana o anúncio de uma queda de 8,5% no PIB do quarto trimestre, reforçando a nossa idéia inicial de que a crise está se alastrando e criando novas frentes.

Na Coréia do Sul, autoridades tentaram reduzir os temores sobre o peso das dívidas externas nos bancos do país, a mais recente preocupação a agitar os mercados emergentes depois que os bancos da Zona do Euro foram afetados por preocupações sobre suas exposições às economias do Leste europeu.

Na Rússia, cerca de 300.000 russos perderam emprego em janeiro, levando a taxa de desemprego para perto de um patamar não visto desde os anos de 1990. O número de desempregados saltou para 6,1 milhões de pessoas, ou 8,1% da força de trabalho ante 7,7% em dezembro. O declínio das cotações do petróleo e o aumento dos gastos sociais devem elevar o déficit fiscal para 8% este ano e

notícias da quinta-feira mostraram que os esforços do governo para animar a economia podem chegar a 1,9 trilhão de rublos (53,33 bilhões de dólares).

Nos voltando agora para nossa região, de acordo com a Sondagem Econômica para a América Latina, divulgada na quarta-feira pela FGV em parceria com o Instituto IFO, o Índice de Clima Econômico da América Latina registrou queda para 2,9 neste primeiro trimestre do ano, ante 3,4 no trimestre anterior, atingindo o menor nível desde 1990. Contribuíram para o resultado o componente de situação atual, que caiu de forma expressiva de 4,2 para 3,4, e o índice de expectativas futuras, que se retraiu de 2,5 para 2,3. Dentre os países pesquisados, o índice se manteve estável somente para México e Bolívia, enquanto que para os outros países da pesquisa observou-se deterioração. O Brasil, por sua vez, apresentou uma das quedas mais significativas, de 5,0 (o nível neutro) para 3,9, mas, mesmo assim, continua entre os mais bem avaliados da pesquisa, juntamente com Uruguai e Peru. De maneira geral, a pesquisa evidenciou a rápida deterioração das condições econômicas da América Latina iniciada no último trimestre do ano passado e que deve se manter nos próximos meses, em linha com o desempenho esperado para a economia mundial.

Finalmente, não podemos deixar de comentar a vitória de Chávez no referendo da reeleição ilimitada, que já era esperada. O fato é que se ele perdesse, a proposta seria encaminhada novamente, até obter a vitória. O presidente diz que está preparado para ficar no poder até 2030, no mínimo até 2019, quando completará 20 anos de cargo. Chávez fez questão de aprovar logo o referendo porque sabe que terá um ano difícil pela frente. Com a queda do preço do petróleo suas receitas ficarão mais curtas aumentando a restrição fiscal, e ficará mais difícil para o governo esconder os graves problemas da economia venezuelana: cerca de 90% das exportações do país são de derivados de petróleo e os preços estão pela metade; a inflação do país está subindo de 30% para

FUNDAMENTUM

40%, corroendo a renda dos mais pobres; o crescimento está despencando e deve fechar com recessão de 2%.

Cenário Interno

Apesar do cenário externo negativo que acabamos de descrever, no que diz respeito ao Brasil vemos que temos bons fundamentos para atravessar este momento. Enquanto os bancos americanos continuarem em crise a incerteza em relação ao mercado vai persistir, mas a administração da crise no Brasil pelo Banco Central tem sido um exemplo de sucesso.

Em relação às políticas de combate a crise, na quarta-feira, o BNDES anunciou que vai destinar R\$ 7,2 bilhões para a construção da usina hidrelétrica de Jirau, no Rio Madeira, 68,5% do total do custo da obra. Mais uma vez quem vai financiar os investimentos do setor privado é o governo. Para as empresas privadas, é um investimento sem risco: elas ganham a licitação e pegam dinheiro barato com o governo e, além disso, ficam sócias de empresas estatais, que na prática são quem ficam com o risco. Como mostra o nosso passado recente, se o empreendimento não der certo, começa uma interminável renegociação com o BNDES, até que a dívida seja empurrada para o contribuinte. Isso quando as próprias estatais não assumem os riscos sozinhas. São estes deslizes que enfraquecem o sucesso da atuação do governo na tentativa de afastar a crise do país.

No tocante as grandes capitais, o governador de São Paulo, José Serra, apresentou na segunda-feira o projeto de reajuste do piso salarial de 12,2%, maior do que o reajuste nacional de 12,05%. A medida, que fixa o salário mínimo de estado em R\$ 505, deverá ser aprovada na Assembléia Legislativa e a expectativa do governo é que entre em vigor em abril. Os critérios usados para definir esse novo piso foram baseados na inflação de 2008 e na expansão do PIB no ano anterior. A medida segue o pacote anunciado pelo governador para tentar diminuir os efeitos da crise internacional, incluindo aumento de crédito a micro e pequenas empresas e desoneração de empresas privadas.

No que diz respeito aos indicadores econômicos, conforme divulgado pela Pesquisa Focus referente à semana até 13 de fevereiro, as expectativas para o IPCA de 2009 recuaram de 4,73% para 4,69%, e para 2010 elas se mantiveram em 4,50%. Para a taxa de câmbio de final de período de 2009 houve estabilidade, de R\$/US\$ 2,30, e para 2010 observa-se ligeira queda, de R\$/US\$ 2,29 para R\$/US\$ 2,28. Já a meta da taxa Selic, caiu de 10,75% para 10,50% em 2009, sendo que para 2010 se manteve em 10,50%. A maior parte dos economistas já projeta queda de um ponto percentual na taxa básica de juros na próxima reunião do Copom, dias 10 e 11 de março. Pela terceira semana seguida, o boletim Focus reduziu a previsão de crescimento da economia brasileira em 2009. Desta vez, a taxa caiu de 1,7% para 1,5%. Há um mês, o mercado projetava crescimento de 2%.

A Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulgou na segunda-feira o IPC-S referente à segunda quadrissemana de fevereiro, que apresentou alta de 0,59% ante 0,81% registrado no período anterior, abaixo das expectativas do mercado (0,63%). Destaque para a forte desaceleração de alimentação, de 1,16% para 0,81%, em razão da queda dos preços de arroz e feijão. O grupo educação também continua desacelerando e apresentou alta de 1,93%. Por fim, é importante notar a manutenção da trajetória de deflação em vestuário, de -0,78%.

Na terça-feira, a FGV divulgou a segunda prévia do IGP-M desse mês, que apresentou alta de 0,45% ante queda de 0,58% registrada no período anterior. A elevação é resultado de um IPA mais alto, de 0,47%, reflexo da aceleração do IPA industrial (0,06%) e do IPA agrícola (1,63%). Cabe ressaltar que o IPA agrícola ainda segue pressionado pelo aumento dos preços dos grãos, como milho e soja, ao passo que o IPA industrial sofre a forte influência da aceleração dos preços de alimentos e bebidas, além dos preços da indústria extrativa e dos produtos derivados de petróleo que estão acelerando. O IPC avançou 0,38%, com destaque para a expressiva desaceleração de alimentação (de 0,81% para

0,26%). Por fim, o INCC registrou alta de 0,43%, puxada pelo item relacionado à mão-de-obra (0,33%).

O IPC-FPE referente à segunda quadrissemana de fevereiro registrou alta de 0,45%, ligeiramente abaixo do esperado pelo mercado (0,47%). O grupo habitação acelerou para 0,41%, ao passo que alimentação sofreu forte desaceleração, de 0,83% para 0,59%, resultado dos preços mais baixos de produtos in natura, bem como de arroz e feijão. Destaque também para o recuo menor de transportes, -0,03%, devido aos reajustes de metrô e trem em São Paulo. O grupo educação segue desacelerando, para 3,22%, movimento normal para fevereiro. Por fim, vestuário começa a diminuir a forte deflação das últimas semanas, mas ainda permanece com recuo de 0,29%.

Os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) registraram destruição de 101,7 mil vagas formais, bastante abaixo do esperado pelo mercado. Mesmo com o resultado melhor do que o observado em dezembro do ano passado, o dado ainda pode ser considerado negativo, já que em janeiro há um histórico de geração líquida de vagas. Entre os setores analisados, Construção Civil e Serviços apresentaram surpreendente geração líquida de empregos, com aumento de 11,3 mil e 2,5 mil vagas, respectivamente. Já os setores com maior destruição de vagas foram Indústria e Comércio, com saldo negativo de 55 e 50,8, respectivamente.

O fechamento de 101 mil postos de trabalho em janeiro, representa uma nova fase do mercado de trabalho brasileiro, com as empresas readaptando o quadro de funcionários em função da produção que deve ser menor ao longo de 2009. Em dezembro, as empresas demitiram porque houve um estancamento mundial no crédito, forçando-as a reduzir custos, até mesmo para sobreviverem. O que estamos vendo agora no mês de janeiro é que elas estão demitindo porque avaliaram que o crescimento mundial será menor, e isso significa que terão que produzir menos. Dos 100 mil postos fechados em janeiro, metade foi no comércio. Eles representam os trabalhadores que foram contratados de forma

temporária no final do ano passado, mas que não foram absorvidos de forma definitiva. Era isso que vinha acontecendo na economia brasileira nos últimos anos. Para se ter uma idéia, a última vez que houve fechamento dos postos de trabalho em janeiro foi em 1999, ano da crise cambial.

Ainda em relação ao desemprego, a Embraer anunciou a demissão de 20% de seus funcionários esta semana. É um exemplo a ser comentado por ser uma empresa que pegou empréstimo subsidiado com o BNDES e que enfrentou críticas do governo por estar, mesmo assim, demitindo funcionários. O fato é que mesmo que o presidente Lula reclame, as empresa que pegaram dinheiro com o BNDES com dinheiro subsidiado vão demitir, porque a expectativa para frente é de queda na demanda, independente de qualquer incentivo do governo.

Regionalmente, de acordo com os dados divulgados pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), o nível de emprego na indústria de transformação paulista apresentou queda de 1,86% em janeiro deste ano em comparação com dezembro de 2008, conforme dados com ajuste sazonal. Já na comparação interanual, observa-se um recuo de 2,20%, pior resultado dos últimos três anos. Com isso, foram destruídas 32.500 mil vagas neste primeiro mês do ano, sendo que o setor automotivo foi o que mais demitiu.

No que diz respeito ao investimento, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) divulgou na quinta-feira a Sondagem Especial, comentando os efeitos das incertezas econômicas nos investimentos da indústria. O relatório mostra que 90% das empresas pretendiam investir em 2008. Esse resultado significativo foi generalizado entre todos os setores, entretanto, apenas 42% dessas empresas realizaram efetivamente esses investimentos como planejado. O principal motivo alegado para essa mudança foi a "incerteza econômica" (43,2%), seguido da "reavaliação da demanda" (16,7%). Para 2009, essa pretensão de investir reduziu para 82%, mudando, porém, significativamente a natureza desses investimentos: no ano passado, tinham a finalidade de aumentar a produção, e

agora se dividem entre isso (40%) e a melhora da qualidade dos produtos (41%), demonstrando receio em relação ao consumo neste período.

No tocante ao comércio, segundo a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo IBGE, o Comércio Varejista cresceu 3,9% em dezembro de 2008, em comparação ao mesmo mês de 2007, o terceiro recuo consecutivo na margem, de -0,3%. Este desempenho reforça a pronunciada desaceleração da atividade, também observada em outros indicadores, no último trimestre do ano passado, puxada pela contração do crédito e pela fraca confiança dos consumidores. Assim, as vendas fecharam o ano com crescimento de 9,2%, lembrando que, em outubro, o crescimento acumulado nos últimos doze meses era de 10,3%. Por categoria de uso, destacam-se a desaceleração do comércio de bens não duráveis: o grupo supermercados, por exemplo, que tem o maior peso na pesquisa, cresceu apenas 3,5% na comparação interanual ante uma média de crescimento de 5,8% de janeiro a novembro de 2008; e a continuidade da retração dos bens duráveis (móveis e eletrodomésticos), que apresentaram queda de 3,7%, na margem com ajuste sazonal.

Apesar da retração para o comércio varejista, os números foram bons neste contexto de crise. Houve queda de 0,3% no volume de vendas, mas o esperado era de queda maior, de quase 2% na comparação com novembro. Os setores que mais caíram foram os que possuem artigos de maior valor, porque eles dependem de financiamentos. Isso significa que os consumidores forem inteligentes no Natal e fizeram compras mais baratas. Na comparação com dezembro de 2007, quando ainda não havia crise, o comércio teve alta de 3,9%, o que mostra que os números foram bons. Prova disso, em janeiro, a venda de automóveis foi excelente, quase dobrando em relação a dezembro.

Em relação ao setor automotivo, segundo dados divulgados pela Fenabrave, a venda de veículos novos manteve ritmo de crescimento na primeira quinzena de fevereiro, próximo ao observado em janeiro, mas em patamar muito abaixo

quando comparamos com o mesmo período do ano passado. Assim, temos o emplacamento de 182.522 veículos novos na primeira quinzena desse mês, o que representa uma queda de 3,01% em relação aos primeiros quinze dias de fevereiro de 2008. Por categoria, destaque para Automóveis, que registraram elevação de 4,63% na mesma base de comparação.

A balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 225 milhões na segunda semana de fevereiro. O saldo positivo é resultado de exportações que somaram US\$ 2,361 bilhões e de importações no montante de US\$ 2,136 bilhões. A média diária exportada no período, de US\$ 472,2 milhões, representa um volume 13,83% menor em relação à primeira semana de fevereiro e 24,3% inferior ao registrado no mesmo período do ano passado. As vendas externas foram puxadas para baixo pela forte contração de manufaturados (açúcar em bruto, ferro fundido, couros e peles e alumínio em bruto), básicos (petróleo em bruto, milho em grão, farelo de soja) e pela queda menor de manufaturados (óleos combustíveis, automóveis, autopeças, calçados). Já a média diária de importações, de US\$ 427,2 milhões, caiu 5,86% na comparação com a semana anterior e 30% em relação a fevereiro do ano passado. Este recuo das importações, por sua vez, foi dado principalmente pela queda das compras de equipamentos mecânicos, produtos químicos orgânicos e inorgânicos, automóveis e partes, produtos farmacêuticos e de borracha. Assim, no acumulado do mês, a balança comercial já soma US\$ 696 milhões de superávit.

A desaceleração da atividade econômica fará com que o ritmo das importações seja mais afetado do que o das exportações e, além disso, está ocorrendo uma pequena recuperação nos preços das commodities, que aumentará no saldo das exportações. A nossa vantagem é que somos exportadores também de alimentos, consumidos mesmo em tempos de crise.

Setor importante na nossa pauta comercial, a siderurgia apresentou resultados esta semana. O Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS) divulgou que houve novo

recoo na produção de aço bruto do país em janeiro. Na comparação com dezembro, a queda foi de 1,8%, enquanto que em relação ao mesmo mês de 2008 a queda foi de 45,6%. A taxa mostra como o setor siderúrgico foi afetado pela crise, mas apesar do dado ter sido ruim, ele sinaliza que a demanda mundial por aço pode ter encontrado o piso, ou seja, que não deve ficar pior, porque os dados de janeiro estão no mesmo patamar dos de dezembro. A produção de aço bruto foi de 1.616 mil toneladas em janeiro, enquanto em dezembro foi de 1.646 mil toneladas, recuo de 1,8%, enquanto que de novembro para dezembro, a queda foi de quase 30%.

A dívida pública apresentou redução de 3,23% em seu estoque, passando de R\$ 1,265 trilhão em dezembro para R\$ 1,221 trilhão em janeiro. A dívida interna apresentou redução de 3,46% em razão dos resgates líquidos (emissões menos resgates) de R\$ 58,84 bilhões, motivados pela concentração de vencimentos de títulos prefixados em janeiro. A dívida externa, por sua vez, recuou 1,03% na margem, refletindo a desvalorização do dólar no período e o pagamento de juros de títulos. Na composição da dívida, o aumento do resgate dos títulos prefixados reduziu sua participação no total da dívida interna, enquanto houve um aumento da participação dos títulos atrelados à Selic e aos índices de inflação devido ao aumento da emissão líquida dos títulos. Observou-se também o aumento do prazo médio da dívida, motivado em grande parte pelo lançamento do título Global 2019-N no mercado externo, criando um título de referência de 10 anos. Já o custo médio da dívida apresentou redução no período de 0,16 ponto percentual, passando de 15,91% ao ano, em dezembro, para 15,74% ao ano, em janeiro.

Finalmente, em relação as taxas de juros praticadas no país, os dados da Anefac mostram que as taxas de juros de crédito pessoal chegam a 140% ao ano. O spread, a diferença entre custo de captação e custo de empréstimo dos bancos, subiu 7,5% de agosto a dezembro do ano passado, chegando a 45,1% para

para pessoas físicas. O dos empréstimos a empresas subiu 4% nos últimos seis meses de 2008, passando a 18,40%. Isso apenas o spread, ou seja, só a diferença cobrada pelos bancos, e não a taxa total. A taxa de juros média geral para pessoa física subiu 0,08 ponto percentual passando de 7,49% ao mês (137,91% ao ano) em dezembro para 7,57% ao mês (140,05% ao ano) em janeiro. É a maior taxa desde novembro de 2008. Já a taxa de juros média geral para pessoa jurídica aumentou 0,09 ponto percentual, passando de 4,35% ao mês (66,69% ao ano) em dezembro para 4,44% (68,42% ao ano) em janeiro. É também a maior taxa desde novembro de 2008.

Segundo os bancos, com a crise de confiança aumentou o risco e isso significa que o custo do dinheiro ficou mais alto. O problema é que no período entre setembro de 2005 e setembro de 2008, quando a economia brasileira estava crescendo a taxas robustas e a renda também, e o Banco Central reduziu a Selic de 19,75% para 13,75%, os juros na ponta ficaram estáveis para pessoas físicas e subiram um pouco para pessoas jurídicas.

Mercado Financeiro

Em uma semana de muita turbulência e resultados ruins nas principais bolsas de valores no mundo, os motivos do estresse nos mercados ficaram claros. Os problemas com os bancos do Leste Europeu e a ausência de medidas por parte do governo norte-americano para acabar com a crise financeira aumentaram a desconfiança do mercado, cada vez mais sensível a notícias corporativas e da economia real. Para piorar, as frustrações por conta do socorro ao sistema financeiro fazem com que as previsões de crescimento mundial fiquem piores, o que mexe com as expectativas de consumo das commodities, que afetam diretamente as ações brasileiras.

O BACEN informou que o investimento estrangeiro em ações no Brasil está positivo em US\$ 483 milhões, no mês de fevereiro. Se os investidores estrangeiros continuarem a aplicar em ações no país, será registrado o primeiro resultado positivo desde maio de 2008 (US\$ 1,518 bilhão), período anterior ao agravamento da crise financeira internacional, ocorrido em setembro do ano passado. Em janeiro de 2009, essas aplicações no país tiveram resultado negativo em US\$ 529 milhões. Das aplicações em renda fixa, houve saída de US\$ 1,122 bilhões nos dados preliminares de fevereiro e de US\$ 1,629 bilhão em janeiro.

Na segunda-feira, em dia de vencimento de opções sobre ações, a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) operou com perdas durante maior parte do tempo, porém fechou o dia em leve alta de 0,40%, seguindo o clima de cautela dos mercados asiático e europeu, onde o sentimento negativo foi marcado pelo recuo acentuado do PIB japonês. As bolsas americanas não funcionaram devido ao ferido do Dia do Presidente. O vencimento de opções sobre ações na Bovespa, ocorrido na segunda-feira, movimentou cerca de R\$ 2,10 bilhões.

No mercado asiático, a notícia de que o PIB do Japão encolheu no último trimestre de 2008, influenciou negativamente os principais mercados acionários do continente. No Japão, a bolsa de valores fechou em queda de 0,37%. Em Hong Kong, na China, a desvalorização chegou a 0,72%.

Na Europa, o movimento de queda também predominou nos mercados acionários locais. A bolsa de Londres operou em queda de 1,30%, Paris recuou 1,18% e na Alemanha, o mercado acionário desvalorizou 1,05%. As preocupações com a saúde das instituições financeiras européias e os dados negativos do PIB japonês, pressionaram os mercados acionários europeus.

Nos Estados Unidos, os mercados não funcionaram nesta segunda-feira em função do feriado do Dia do Presidente. Entretanto, vale ressaltar que os investidores permanecem bastante ansiosos com o detalhamento do pacote americano de ajuda econômica.

Entre as quedas do Ibovespa, as ações ON da Oi (antiga Telemar) apresentaram desvalorização de 2,75% e as PN encerraram o dia no sentido oposto, com alta de 1,33%. O comportamento dos papéis da empresa foi influenciado pela decisão judicial de suspensão de pagamento de dividendos extraordinários, na ordem de R\$ 1,19 bilhão. A 3ª Vara de Execuções Fiscais do Rio de Janeiro determinou que a empresa não efetuasse o pagamento até que seja decidido um caso de execução fiscal movido pela União, no valor de R\$ 36,95 milhões.

Entre os resultados corporativos aqui no Brasil, na sexta-feira à noite, a Light S.A informou que no ano de 2008 obteve um lucro líquido de R\$ 974,45 milhões, apresentando um recuo em relação ao ano anterior, cujo montante foi de R\$ 1,07 bilhão. As ações ON da empresa fecharam em queda de 4,66%.

As ações ON da Positivo Informática, que não compõem o Índice Bovespa,

apresentaram forte valorização de quase 80%. Novos rumores de que uma grande multinacional teria feito uma oferta pela Positivo puxaram para cima as ações da empresa. As empresas citadas como possíveis compradoras da empresa brasileira foram a americana Dell e a chinesa Lenovo.

Na terça-feira, assim como nos mercados acionários internacionais, a Bovespa encerrou o pregão com forte desvalorização de 4,77%. As notícias corporativas ruins marcaram o dia, além da queda das commodities metálicas e do petróleo no mercado externo.

O dólar se valorizou frente ao real na terça-feira, refletindo a aversão ao risco. A moeda norte-americana fechou com valorização de 2,02%, negociada a R\$ 2,32.

Na Ásia, os mercados acionários fecharam com forte desvalorização. Sem pregão nos Estados Unidos, as bolsas asiáticas se alinharam com as bolsas européias. Além disso, as fracas previsões para os balanços de 2008 das grandes corporações deixaram o mercado pessimista. A bolsa de Tóquio caiu 1,35% e Hong Kong recuou 3,79%.

Na Europa, as bolsas terminaram em queda, pressionadas pelos papéis do setor financeiro. Os investidores sentiram falta de detalhamento sobre o plano de resgate financeiro dos Estados Unidos. Somado a isso, notícias locais agravam a tensão acerca da situação econômica global: a agência de classificação de crédito Moody's Investors Services, lançou relatório explicitando suas preocupações com os bancos no Leste Europeu em meio a um cenário de desaquecimento econômico e com o reflexo desse quadro nos controladores na Europa Ocidental. A bolsa de Paris fechou em baixa de 2,94%, Londres recuou 2,43% e Frankfurt encerrou o dia com expressiva desvalorização de 3,44%.

Nos Estados Unidos, as bolsas encerraram a sessão com forte queda. Os

investidores não se mostraram seguros em relação a eficiência do pacote anunciado pelo governo do país.

No cenário corporativo aqui no Brasil, o Banco ABC Brasil reportou um lucro líquido de R\$ 20,3 milhões no quarto trimestre de 2008, uma queda de 58,1% se comparado com o trimestre anterior.

A Marisa divulgou um lucro líquido de R\$ 42,59 milhões no quarto trimestre de 2008, apresentando alta de 35,3% ante o mesmo período do ano anterior. As ações ON da Marisa, que não fazem parte do índice Bovespa, fecharam com ganhos de 2,04%.

A Positivo Informática continuou em evidência no pregão de terça-feira, devido às especulações de venda para uma rival internacional. No entanto, após o fechamento das negociações, a empresa negou qualquer oferta, dizendo que os rumores são infundados. Fora do Ibovespa, os papéis ON da companhia operaram com perdas de mais de 25%.

Os papéis ON da Vale e da Petrobrás figuraram entre as maiores quedas do Ibovespa durante um longo período do dia, influenciados pela queda das commodities metálicas e do petróleo no mercado internacional.

Em um discurso realizado na segunda-feira na Fiesp, o presidente da Petrobrás revelou que a companhia está negociando um empréstimo internacional para financiar os gastos com o novo plano de investimento, visando fechar contratos com um grupo de quatro países consumidores de petróleo, no qual a moeda de troca seria a própria commodity.

Em relação a Vale, há rumores de que a mineradora brasileira, a Xstrata e a Rio Tinto, estariam brigando para explorar a mina de carvão Tavan Tolgoi, na Mongólia, considerada o maior depósito de carvão de coqueificação ainda não

desenvolvido do mundo. A mina é avaliada em US\$ 2 bilhões.

Na quarta-feira, acompanhando o clima de instabilidade do mercado externo e com o vencimento de opções sobre o Ibovespa, a Bovespa operou a maior parte do pregão no território negativo, fechando em queda de 0,43%.

No mercado internacional, as bolsas asiáticas fecharam em sentidos distintos na quarta-feira, com os investidores aguardando o detalhamento do plano para reduzir as execuções de hipotecas que foi apresentado oficialmente pelo presidente Barack Obama. Além disso, o mercado ainda se encontra cauteloso acerca da crise financeira internacional. A bolsa de valores de Tóquio apresentou recuo de 1,45%. Já a bolsa de valores de Hong Kong encerrou com leve alta de 0,54%.

Na Europa, as bolsas operaram em queda na quarta-feira, com os investidores ainda preocupados com o aprofundamento da crise e com a saúde do setor financeiro mundial, além de também acompanhar as novas medidas para o setor imobiliário norte-americano. A bolsa de valores de Paris apresentou queda de 0,04%, a da Alemanha operou com recuo de 0,28% e a de Londres encerrou com desvalorização de 0,68%.

Nos Estados Unidos, as bolsas operaram com volatilidade na quarta-feira, de olho no plano para o setor imobiliário e a divulgação da Ata da reunião do Fed.

No plano corporativo aqui no Brasil, a Petrobrás informou que a sua produção de petróleo e gás avançou 4,8% em janeiro de 2009, ante o mesmo período de 2008, alcançando 2.219.165 barris equivalentes por dia. Já na comparação com dezembro de 2008, houve variação positiva de 0,7%. Apesar da notícia, os papéis ON e PN da estatal encerraram com queda de 0,73% e 1,93%, respectivamente.

A incorporadora imobiliária Tecnisa revelou que vai realizar uma captação de R\$

50 milhões por meio de uma emissão de notas promissórias. Os recursos serão usados pela empresa para a aquisição de terrenos e incorporação de empreendimentos imobiliários. Segundo os termos da oferta, serão vendidas 100 notas promissórias com valor unitário de R\$ 500 mil cada. Os coordenadores da oferta são a Planner Corretora e o Banco do Nordeste, sendo que este último ofereceu garantia firme para a compra dos papéis. As notas serão emitidas com prazo de 360 dias e a taxa de juros de remuneração será de CDI mais um spread de 4% ao ano. Tanto o principal como os juros serão pagos no vencimento.

A Equatorial Energia, holding que controla a Companhia Energética do Maranhão (Cemar) e possui participação na Light e na Geranorte, informou que obteve lucro líquido de R\$ 94,7 milhões no quarto trimestre. O resultado corresponde a uma queda de 16,1% sobre o ganho registrado pela companhia um ano antes, de R\$ 112,8 milhões. No ano, o lucro da Equatorial caiu 11,3%, para R\$ 300,1 milhões. Apesar da piora na última linha do balanço, decorrente de eventos não recorrentes com impacto positivo no lucro de 2007, o resultado operacional da companhia melhorou. A receita líquida avançou 15,7% no trimestre, para R\$ 647,2 milhões, e 9,6% no ano, para R\$ 2,346 bilhões. O resultado medido pelo Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) somou R\$ 237,4 milhões entre outubro e dezembro, com alta de 33,1%. Em 2008 todo, o Ebitda teve expansão de 15,85%, para R\$ 784,4 milhões.

A Positivo Informática continuou em evidência devido às especulações de venda para uma rival internacional. Um executivo da Lenovo, possível compradora da companhia brasileira, disse que a empresa chinesa ainda busca aquisições estratégicas apesar do enfraquecimento econômico global, porém recusou-se a apontar quais empresas estariam na mira da Lenovo. Fora do Ibovespa, os papéis ON da companhia encerraram o dia com ganhos de 4,64%.

A Localiza Rent a Car fechou o quarto trimestre do ano passado com lucro líquido

de R\$ 6,9 milhões, de acordo com a legislação societária brasileira. Isso representa uma queda de 83,9% em relação ao ganho de R\$ 42,9 milhões apurado em igual intervalo de 2007. Em 2008 todo, o lucro da empresa caiu 12,7%, para R\$ 136,5 milhões. Pelo padrão brasileiro, a receita líquida da empresa somou R\$ 414,9 milhões no trimestre, com avanço de 2,3% sobre o faturamento registrado um ano antes. No ano, a receita saltou 21,1%, para R\$ 1,823 bilhão. Segundo a empresa, que em seu relatório faz a análise do desempenho considerando padrão contábil americano US GAAP, enquanto a receita com aluguel de carros (+17,9%) e aluguel de frotas (26,4%) teve forte crescimento no quarto trimestre, a divisão de venda de seminovos, que representa uma fatia menor dos negócios em termos de resultado, foi afetada no final do ano, mostrando receita 14,4% menor que a verificada entre outubro e dezembro do ano passado. No trimestre, o Ebitda (lucro antes de juros impostos, depreciação e amortização) da Localiza foi de R\$ 125,8 milhões, com alta de 9,2%. No ano, o Ebitda avançou 25,9%, para R\$ 504,1 milhões.

A Telesp divulgou um lucro líquido de R\$ 2,42 bilhões no ano de 2008. Na comparação com o mesmo período do ano de 2007, a empresa registrou um recuo de 14,07% em seu lucro líquido.

Na ponta oposta do índice, os papéis PNB da Cesp se destacaram, encerrando o dia entre as maiores altas do Ibovespa, influenciados pela expectativa em torno da possibilidade de renovação das licenças das hidrelétricas de Jupia e Ilha Solteira, que vencem 2015 e respondem por 67% da capacidade de geração da estatal paulista. Vale lembrar que com a renovação das concessões, o governo paulista está interessado na privatização da Cesp.

O setor automotivo também esteve em destaque nos Estados Unidos. A GM informou que irá precisar de um total de até US\$ 30 bilhões em ajuda do governo até 2011, além de anunciar o corte de 47 mil dos 244 mil empregados em todo o

mundo este ano e fechar mais cinco fábricas nos Estados Unidos até 2012. Já a Chrysler pediu uma ajuda total de US\$ 9 bilhões.

No plano corporativo externo, a montadora japonesa Toyota Motor planeja paralisar por três dias em abril a produção em algumas de suas fábricas no Japão. As informações são do jornal japonês Nikkei, que reporta que a medida deve diminuir o nível dos estoques. Em maio, segundo a publicação, a montadora deve aumentar sua produção em 30% na comparação com a média mensal dos três meses anteriores. Mesmo com esta retomada, a produção da empresa japonesa ainda estará abaixo em cerca de 40% no confronto com mesmo período do ano anterior. Para o ano fiscal que termina em março, a companhia espera prejuízo operacional de 450 bilhões de ienes.

O banco holandês ING perdeu 3,711 bilhões de Euros no quarto trimestre do ano passado, invertendo a direção tomada em mesmo período de 2007, quando obteve lucro de 2,482 bilhões de Euros. Em 2008 completo, a instituição perdeu 729 milhões de Euros, na contramão do resultado dos 12 meses antecedentes, de lucro de 9,241 bilhões de Euros.

O banco francês Société Générale conseguiu apresentar com dificuldade um pequeno lucro no quarto trimestre, ante o grande prejuízo de um ano atrás, potencializado por um escândalo. O Société Générale divulgou que congelou seus planos para a Rússia e reorganizou suas atividades corporativas de banco de investimento. O Société Générale ainda divulgou que reservou 300 milhões de Euros (379 milhões de dólares) para cobrir o prejuízo em suas operações na Rússia. O banco controla a instituição russa Rosbank e um executivo da instituição afirmou que o grupo permanece confiante em relação ao Leste Europeu.

A General Motors projetou que seus negócios na Europa, que incluem a marca Opel/Vauxhall, apresentarão lucro em 2011, após uma redução de 1,2 bilhão de

dólares nos custos que pode implicar no fechamento de fábricas. A companhia acrescentou que o principal problema para seus negócios na Europa é a falta de liquidez no curto prazo, para a qual a GM mantém conversas com os governos alemão e sueco sobre auxílio estatal para a Opel e a Saab. A General Motors, que está buscando mais 16,6 bilhões de dólares de Washington, mesmo após já ter recebido 17,4 bilhões em empréstimos, informou que está em negociações com representantes de trabalhadores da Europa sobre o corte de 1,2 bilhão de dólares em custos, que envolveria vários possíveis fechamentos ou desmembramento de instalações manufatureiras em locais de custo maior. Notícias publicadas pela mídia apontam os locais de produção da GM de Antwerp, na Bélgica, e de Bochum, na Alemanha, como em perigo, junto à fábrica da Saab, em Trollhattan.

A operadora de telefonia fixa GVT teve prejuízo líquido de R\$ 21,9 milhões no quarto trimestre do ano passado, fruto do impacto da alta do dólar sobre dívidas em moeda estrangeira. Mas, apesar da piora no ambiente econômico, a empresa manteve o ritmo de vendas e melhorou a margem operacional. Entre outubro e dezembro de 2007, a companhia apurou lucro líquido de R\$ 35,1 milhões e teve receita de R\$ 272,2 milhões. Em relação a esse período, as vendas líquidas no último trimestre de 2008 subiram 34,3% e chegaram a R\$ 365,6 milhões. Foi a maior receita trimestral do ano passado. A margem operacional do quarto trimestre também foi a melhor do ano, se considerada em termos ajustados: 39,6%. Ela reflete o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortizações (lajida) de R\$ 144,8 milhões, acima dos R\$ 108,4 milhões contabilizados no mesmo período de 2007. O número, porém, deve ser analisado com cautela, pois a GVT excluiu do cálculo proforma os efeitos do reconhecimento de despesas com um plano de opção de ações que a empresa oferece a seus executivos. O valor das despesas reconhecidas no ano passado, e integralmente no quarto trimestre, foi de R\$ 22 milhões. A companhia deve fazer investimentos de R\$ 550 milhões ao longo de 2009. O montante é inferior aos R\$ 721 milhões desembolsados no

ano passado. Porém, segundo o executivo, esse valor pode aumentar se houver demanda. A operadora terminou 2008 com dívida líquida de R\$ 284,6 milhões, sendo pouco mais da metade atrelada a moedas estrangeiras. Como a GVT não adota mecanismos de proteção cambial, a operadora contabilizou despesas financeiras líquidas de R\$ 91,3 milhões, o que explica seu prejuízo líquido trimestral.

O presidente-executivo da General Electric, Jeff Immelt, abriu mão de seu direito de receber um bônus relativo a 2008 diante da queda do lucro e do preço da ação do conglomerado. Em comunicado, a GE informou que a bonificação de Immelt relativa a 2008 era de 14,1 milhões de dólares ante 19,6 milhões de dólares em 2007. A companhia informou que o executivo recusou receber 11,7 milhões de dólares como prêmio relativo a performance de longo prazo. A companhia publicou uma queda de 44% no lucro do quarto trimestre, afetada principalmente por fraqueza na divisão de finanças GE Capital.

A Portugal Telecom divulgou na quarta-feira um salto de 100,3% no lucro líquido do quarto trimestre, impulsionado por uma forte performance da operadora celular brasileira Vivo, que controla em conjunto com a Telefônica. O lucro líquido subiu para 143,8 milhões de Euros (181,8 milhões de dólares) no período, enquanto o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) caiu 4,3%, para 603,5 milhões de Euros. A receita avançou 5,1%, para 1,7 bilhão de Euros. A receita da Vivo subiu 11%, para 768,5 milhões de Euros, enquanto o Ebitda da operadora saltou 40%, para 230 milhões de Euros. As ações da Portugal Telecom subiram após a divulgação dos resultados. O lucro líquido da companhia em 2008 alcançou 581,5 milhões de Euros, queda de 21,6% uma vez que a empresa sofreu perdas geradas por custos financeiros maiores no ano. A dívida líquida da Portugal Telecom subiu 27% em 2008, para 5,57 bilhões de Euros. O Ebitda para o ano inteiro cresceu 3,7%, para 2,44 bilhões de Euros.

A Severstal, maior siderúrgica da Rússia, planeja investir em 2009 até 1,2 bilhão de dólares, informa o UniCredit em relatório publicado na quarta-feira, citando comentários feitos pela empresa. Durante teleconferência na terça-feira, o diretor de relações com investidores da Severstal, Dmitry Druzhinin, também informou que a dívida de curto prazo da companhia se mantém entre 1,7 bilhão e 1,8 bilhão de dólares.

A fabricante de pneus Goodyear anunciou na quarta-feira que vai cortar 5 mil empregos, após perder US\$ 77 milhões em 2008. No último trimestre do ano passado, a empresa perdeu US\$ 330 milhões depois da queda de 19% das vendas de pneus devido à rápida piora da demanda no setor em todo mundo. No total, a Goodyear vendeu 8,5% pneus a menos em 2008 frente 2007, quando obteve lucro de US\$ 602 milhões.

Na quinta-feira, a Bolsa de Valores de São Paulo fechou no território positivo, com alta de 0,14%, acompanhando o cenário de volatilidade no mercado externo.

No mercado internacional, as bolsas asiáticas fecharam em alta na quinta-feira, após três pregões no território negativo. O desempenho das bolsas esteve atrelado à melhora de humor provocada pelo detalhamento do plano de ajuda ao setor imobiliário norte-americano proposto pelo presidente Barack Obama. A bolsa de valores de Tóquio apresentou leve alta de 0,31%. Já a bolsa de valores de Hong Kong encerrou com valorização de 0,06%.

Na Europa, as bolsas operaram em sentidos distintos, ainda refletindo as tensões financeiras globais. Os resultados de importantes empresas do setor alimentício trouxeram otimismo aos investidores, junto com o detalhamento do plano norte-americano ao setor imobiliário. A bolsa de valores de Paris apresentou queda de 0,05%. A bolsa da Alemanha operou com ganhos de 0,24% e a de Londres encerrou o dia com valorização de 0,29%.

Nos Estados Unidos, as bolsas operaram com oscilações, ainda impulsionadas pelo plano de hipotecas do presidente Barack Obama.

No plano corporativo aqui no Brasil, a Petrobras informou que há espaço para a redução nos preços da gasolina e do diesel, mas a decisão não será tomada agora. Segundo cálculos do mercado, a gasolina brasileira está 30% mais cara do que nos Estados Unidos. No caso do diesel, a diferença chega a 60%. Com a valorização do petróleo no mercado internacional devido à possibilidade de corte na produção por parte da Opep, as ações ON e PN da estatal encerraram o dia com alta de 0,63% e 1,58%, respectivamente.

Ainda em relação a Petrobras, a companhia firmou acordo de cooperação tecnológica com a Schlumberger, empresa da área de suprimentos em tecnologia e soluções para a indústria de petróleo e gás, que envolve quatro projetos de pesquisa e desenvolvimento dos reservatórios do pré-sal. O acordo tem duração de três anos, com possibilidade de renovação por outros três, e a estatal prevê investir US\$ 10 milhões nos projetos.

A Petrobras concluiu uma negociação para fornecer a refinarias chinesas um volume de 100 mil a 160 mil barris/dia de petróleo, informou o presidente da estatal, José Sergio Gabrielli, na quinta-feira. A petroleira brasileira também negocia com a China um empréstimo de até 10 bilhões de dólares, operação que pode ser concluída até maio, acrescentou Gabrielli a jornalistas no Itamaraty, em evento após a reunião entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o vice-presidente chinês, Xi Jinping. A China, segunda maior importadora mundial de petróleo, tem aproveitado a difícil disponibilidade de crédito no mercado internacional para garantir o suprimento de várias matérias-primas, incluindo petróleo.

A Lojas Renner divulgou um lucro líquido de R\$ 162,45 milhões no acumulado do

ano de 2008. Na comparação com o ano de 2007, a empresa registrou um avanço de 7,82% em seu lucro líquido. As ações ON da companhia encerraram com queda de 3,46%.

A Natura anunciou um lucro líquido de R\$ 518,11 milhões no ano de 2008, apontando um avanço de 11,32% quando comparado com o lucro líquido de R\$ 465,41 milhões, registrado no mesmo período do ano anterior. Os papéis ON da companhia encerraram em alta de 1,05%.

A Agra Incorporadora, empresa ligada à Cyrela, e o investidor espanhol Enrique Bañuelos de Castro fecharam a compra do controle da Abyara Planejamento Imobiliário. Os dois investidores pagarão R\$ 37,9 milhões por 62,13% do capital da companhia, o que representa R\$ 1,2 por ação ordinária. Cabe destacar que na quarta-feira o papel ON da Abyara fechou valendo R\$ 2,02 na Bovespa. A compra será efetuada por meio da IPU Participações, que tem como acionista a Kove Participações, responsável por 70% das ações, e a Agra, que responde pelos 30% restantes. A Kove Participações é uma sociedade controlada pela Veremonte Participações, que, por sua vez, tem como beneficiário final Enrique Bañuelos de Castro. Pelo fato relevante enviado à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), o pagamento será feito em data a ser definida pela IPU Participações até o dia 18 de fevereiro de 2014. E a IPU poderá desistir da compra dentro desses cinco anos.

O Banco do Brasil (BB) encerrou 2008 com lucro líquido de R\$ 8,803 bilhões, superando em 74% o ganho dos 12 meses antecedentes, de R\$ 5,058 bilhões. Apenas no quarto trimestre do ano passado, o lucro líquido da instituição foi de R\$ 2,944 bilhões, acima do R\$ 1,217 bilhão de igual intervalo de 2007. Sem efeitos extraordinários, o lucro ficou em R\$ 6,685 bilhões em 2008 completo e em R\$ 1,626 bilhão nos três meses finais daquele exercício, comparáveis, respectivamente, aos R\$ 5,880 bilhões e R\$ 1,290 bilhão de período equivalente

do ano antecedente. A carteira de crédito total, incluindo carteira externa, interna e prestação de garantias, somou R\$ 237,2 bilhões, o que representa elevação de 11% em relação ao terceiro trimestre de 2008 e de 41,9% perante 2007. O banco ainda revelou que tem expectativas bastante positivas para 2009 mesmo com o cenário econômico mundial adverso. Durante a apresentação dos resultados referentes ao quarto trimestre de 2008, o presidente do BB, Antônio Francisco de Lima Neto, estima que a carteira total deva crescer, no mínimo, 17% em 2009. As ações ON do BB encerraram o dia entre as maiores valorizações do Índice Bovespa.

A maior produtora de aços longos das Américas, a Gerdau, anunciou na quinta-feira uma queda de 67,1% no lucro líquido do quarto trimestre em relação ao mesmo período de 2007, impactada pela queda nas vendas, ajuste do valor dos estoques e o efeito da valorização cambial sobre as dívidas da empresa. A companhia anunciou uma redução no valor de seu plano de investimentos 2008-2010, bem como uma ampliação do prazo de execução destes investimentos. O valor do plano caiu para 5 bilhões de dólares, ante o valor inicial de 6,4 bilhões de dólares. A mudança no valor reflete, segundo a empresa, um ajuste à desvalorização do real, não representando cancelamento de projetos. Desse total, a empresa investiu no ano passado 1,4 bilhão de dólares. O volume restante, de 3,6 bilhões de dólares, será investido nos próximos cinco anos. O grupo siderúrgico fechou o quarto trimestre com lucro de 311 milhões de reais ante 951,1 milhões de reais um ano antes. No ano, o lucro somou 4,95 bilhões de reais, crescimento sobre os 4,3 bilhões de reais de 2007. A empresa teve Ebitda no ano de 10,02 bilhões de reais, um aumento frente aos 6,24 bilhões de reais registrados em 2007. A margem no ano passado foi de 23,9%, contra 20,4% em 2007. Os papéis PN da Gerdau encerram em queda de 2,11%.

A Usiminas informou que fechou o quarto trimestre do ano passado com lucro líquido de R\$ 837 milhões, montante 14% inferior ao ganho de R\$ 970 milhões

registrado pela empresa em igual período de 2007. No ano inteiro, o lucro da empresa teve leve alta de 2%, para R\$ 3,224 bilhões. O resultado dos últimos três meses do ano sofreu impacto direto da crise, tanto por conta da desvalorização do real, como pela desaceleração da demanda. O efeito do câmbio sobre a dívida em dólares da empresa, por exemplo, teve peso relevante na piora do resultado financeiro, que saiu de uma despesa líquida de R\$ 89 milhões entre outubro e dezembro de 2007 para um gasto contábil total de R\$ 822 milhões em igual período do ano passado. Já as vendas físicas tombaram 26% por conta da desaceleração da demanda. A Usiminas vendeu no trimestre passado 1,458 milhão de toneladas de aço, contra 1,98 milhão de toneladas um ano antes. Mesmo com a queda nas vendas, a receita da empresa ainda subiu 7%, para R\$ 3,73 bilhões, por conta de preços médios maiores e do ganho maior em reais com as exportações. Em 2008 todo, as vendas físicas caíram 10%, para 7,17 milhões de toneladas, mas a receita avançou 14%, para R\$ 15,71 bilhões. O resultado da empresa medido pelo Ebitda (lucro antes de juros, impostos e depreciação) ajustado somou R\$ 1,51 bilhão no trimestre, com alta de 24%. No ano, o aumento foi de 20%, para R\$ 6,01 bilhões. Ainda considerando 2008 fechado, a margem Ebitda da empresa, que mede a relação entre este indicador e a receita líquida, subiu de 36,2% para 38,3%.

O Departamento de Energia dos Estados Unidos informou que os estoques de petróleo no país caíram em 200 mil barris, para 350,6 milhões de barris na semana passada. O volume de reservas foi 17,5% superior ao registrado um ano antes. Na Nymex, a commodity encerrou o dia com valorização de 14,04%, cotada a US\$ 39,48 o barril.

No plano corporativo internacional, o BNP Paribas cortou em 70% seus dividendos após registrar perda no quarto trimestre e afirmar que as condições de mercado devem continuar difíceis em 2009. O maior banco da França por valor de mercado

informou na quinta-feira prejuízo líquido de 1,37 bilhão de Euros (1,73 bilhão de dólares), em linha com a previsão feita no mês passado de uma perda de cerca de 1,4 bilhão de Euros. No quarto trimestre do ano anterior, o banco havia registrado lucro líquido de 1,01 bilhão de Euros. A instituição cortou os dividendos de 3,35 Euros para 1 Euro por ação, atendendo uma demanda do governo francês para limitar esses pagamentos enquanto usa recursos estatais para enfrentar a crise de liquidez. O BNP espera que as condições de mercado em 2009 sigam muito difíceis, mas acrescentou que está bem posicionado para enfrentar a situação.

A Nestlé verificou aumento de 69% no lucro líquido em 2008 em comparação ao exercício antecedente, para 18 bilhões de francos suíços (US\$ 16,6 bilhões). O resultado foi beneficiado pela venda de uma participação de 24,8% na Alcon, empresa de produtos oftalmológicos, para a farmacêutica Novartis. Descontando a transação relativa à Alcon, o lucro da Nestlé minguaria. As vendas da empresa suíça de alimentos aumentaram 2,2%, para 109,9 bilhões de francos suíços. O grupo observou, no entanto, que a desaceleração econômica global deve ter impacto na demanda do consumidor e ter reflexo no desempenho da companhia.

Na sexta-feira, o setor bancário e todas as notícias ruins da economia real jogaram as bolsas para baixo na sexta-feira. Aqui no Brasil, a Bovespa ainda teve de enfrentar a baixa das ações da Vale, a mais negociada da bolsa junto com a Petrobras, que caíram 7%. Com isso, a Bovespa fechou em queda de 2,56%, aos 38.714 pontos. Além disso, vale lembrar que a Bovespa só vai voltar na Quarta-Feira de Cinzas, o que forçou muita gente a zerar posições na sexta-feira, o que ajuda a aumentar a queda.

Lá fora, bolsas em queda. Na Europa, Londres caiu 3,22%, a bolsa de Frankfurt teve queda de 4,46% e Paris recuou 4,25%. Nos Estados Unidos, o Dow Jones caiu 1,34%, o Nasdaq teve perdas de 0,11% e o S&P500 perdeu 1,14%.

O destaque de queda na Ásia ficou com a Coreia, que perdeu 3,72% acumulando

uma queda de 16,65% em dólares nesta semana. O Topix, índice japonês do setor financeiro, fechou na menor cotação em 25 anos. O indicador Nikkei, de Tóquio, fechou em -1,9%, a 7.416 pontos, menor patamar desde 27 de outubro.

O receio ainda paira sobre o setor financeiro, em mais uma semana que se encerra sem soluções concretas para a crise sistêmica. Com o aumento do desemprego nos Estados Unidos, estão crescendo os temores sobre as empresas de cartão de crédito. Há risco de aumento da inadimplência, com a diminuição da renda das famílias. Pensando nisso, o pacote do Tesouro americano prevê o refinanciamento dos cartões de crédito de estudantes, e de outros tipos de dívida.

No plano corporativo aqui no Brasil, a temporada de balanços referentes ao quarto trimestre de 2008 continuou em evidência. A mineradora brasileira Vale informou que acumulou no ano passado um lucro líquido de R\$ 21,28 bilhões, um avanço de 6,36% em relação ao resultado apresentado em 2007. Mesmo com o bom resultado, as ações da estiveram entre as maiores perdas do Ibovespa neste pregão.

A Metalúrgica Gerdau anunciou que obteve um lucro líquido de R\$ 4,8 bilhões em 2008, um crescimento de 12,1% quando comparado ao ano anterior. As ações PN da companhia apareceram entre as maiores quedas do índice Bovespa na sexta-feira.

Os papéis PNA da Usiminas apresentaram baixa. A siderúrgica mineira informou que em 2008 atingiu um lucro líquido de R\$ 3,22 bilhões, um leve avanço de aproximadamente 1,66% se comparado ao lucro de R\$ 3,17 bilhões registrado no ano anterior.

A Friboi informou que em 2008, registrou um lucro líquido de R\$ 25,94 milhões, revertendo o prejuízo de R\$ 165,03 milhões anotado no ano de 2007. Além disso,

o frigorífico anunciou que desistiu de adquirir a National Beef Company. Os papéis ON do frigorífico estiveram entre as maiores altas do Ibovespa.

A CPFL Energia apresentou um lucro líquido de R\$ 1,27 bilhão em 2008, uma queda de 22,25% se comparado ao lucro de R\$ 1,64 bilhão registrado no ano anterior.

As informações de que o Citi pretende se desfazer de grande parte de sua participação na Redecard, derrubou as ações ordinárias da empresa de cartões de crédito. O Citigroup decidiu colocar à venda sua participação na administradora de cartões Redecard, o que marca o mais recente movimento do gigante financeiro norte-americano na tentativa de levantar recursos. O Citigroup deve vender a maior parte de sua fatia na empresa brasileira por meio de uma oferta secundária de ações. O Itaú, que faz parte do grupo de controle acionário da Redecard junto com o Citi, deve comprar uma parcela.

Os papéis ON da Embraer encerraram em queda de 7,21%. Na quinta-feira, a fabricante de aviões anunciou a demissão de 4 mil funcionários, uma redução de 20% no total de empregados. A companhia justificou que este corte foi feito devido à crise que vem prejudicando a economia mundial.

No plano corporativo internacional, a mineradora Anglo American registrou queda no lucro líquido de 2008 e deve suspender seu programa de recompra de ações e dividendos por causa das perspectivas econômicas incertas. A empresa irá cortar 19 mil empregos até o fim de 2009 e reduzir a produção em algumas operações. A intenção é economizar US\$ 2 bilhões em custos. No ano passado, a companhia registrou lucro de US\$ 5,215 bilhões, 28,6% abaixo dos US\$ 7,304 bilhões somados em 2007. O lucro antes de juros, impostos, depreciações e amortizações (Ebitda, na sigla em inglês) situou-se em US\$ 11,847 bilhões, com queda de 2,3% no confronto com os US\$ 12,132 bilhões do exercício anterior. A receita

total da mineradora recuou 7,6% em 2008, ficando em US\$ 32,964 bilhões, em relação aos US\$ 35,674 bilhões dos 12 meses antecedentes. A empresa avisou que o programa de recompra de ações de US\$ 4 bilhões, anunciado em agosto de 2007, foi suspenso, com quase US\$ 1,7 bilhão em ações readquiridas.

As ações dos bancos suíços despencavam na sexta-feira em meio a preocupações de que as rigorosas políticas de privacidade do país estão sendo enfraquecidas pelas investigações fiscais dos Estados Unidos no UBS, o que danifica potencialmente o setor de gestão de riquezas do país.

A Avon, companhia norte-americana de cosméticos, vai demitir de 2.500 a 3.000 funcionários nos próximos quatro anos. A medida é parte do novo plano de redução de custos, anunciado pela empresa ontem, para enfrentar a queda da demanda mundial. A empresa também irá congelar salários e reduzir gastos com viagens e entretenimento em 35%. As expectativas da Avon são de que consiga economizar US\$ 200 milhões quando o pacote estiver completamente implementado, em 2012 ou 2013. A notícia vem poucas semanas depois que a Avon divulgou um aumento de 80% no lucro líquido do quarto trimestre de 2008, ante o ano anterior, o que gerou um acúmulo US\$ 232,4 milhões no período.

Ibovespa - Maiores na SEMANA

Altas	Preço	(%)
Vivo PN	38,35	4,61
Tim Part. S.A. PN	3,68	4,25
Eletropaulo PNB	28,00	4,10
Telemig Part. PN	47,00	4,04
Transm. Paulista PN	44,39	3,23
Telemar PN	29,30	2,45
Tim Part. S.A. ON	7,03	0,86
Nossa Caixa ON	68,80	0,73
Br.Tel.Part. ON	60,10	0,68
NET PN	15,50	0,51

Baixas	Preço	(%)
Cyrela Realt ON	7,95	-20,50
Gerdau Met. PN	17,71	-15,66
Gerdau PN	13,48	-15,32
Gafisa ON	11,35	-13,49
Vale do Rio Doce ON	32,23	-11,43
Lojas Renner ON	13,01	-11,01
Rossi Resid. ON	3,43	-10,90
Itaubanco PN	22,80	-10,58
Redecard ON	24,70	-10,18
Itausa PN	7,04	-10,09

Maiores no ANO

Altas	Preço	(%)
Tim Part. S.A. ON	7,03	43,17
Telemig Part. PN	47,00	40,05
Vivo PN	38,35	37,95
Tim Part. S.A. PN	3,68	24,74
Bradespar Pn	22,75	18,62
NET PN	15,50	16,73
Vale do Rio Doce ON	32,23	16,40
Vale do Rio Doce PNA	27,80	16,37
Sid. Nacional ON	33,66	16,08
Light S.A. ON	25,11	14,88

Baixas	Preço	(%)
Vcp PN	12,32	-31,29
Aracruz PNB	1,80	-27,71
Sadia S.A. PN	3,00	-20,00
All Amer.Lat. Unit	8,16	-18,40
Br.Tel.Part. PN	14,45	-17,01
Lojas Renner ON	13,01	-16,97
Telemar N L PNA	46,55	-16,13
Tam S.A. PN	16,17	-15,30
Br.Telecom PN	11,59	-15,03
Sabesp ON	23,49	-14,06

Fatos econômicos da semana seguinte

Na semana que começa dia 23 de fevereiro, apesar do recesso de Carnaval teremos dados relevantes na economia doméstica, principalmente no que diz respeito à inflação, ao emprego, e a política fiscal. No ambiente externo teremos muitos dados e eventos relevantes, com destaque para dados do mercado imobiliário, atividade, PIB, e índices de confiança, nos Estados Unidos; dados de inflação, PIB, emprego, atividade, e índices de confiança, na Zona do Euro e no Reino Unido; e indústria, comércio, inflação, e a Ata do BoJ, no Japão.

No Brasil, na quarta-feira o Banco Central apresentará sua Pesquisa semanal Focus; a Secex, a Balança comercial da terceira semana de fevereiro. Na quinta-feira, a FGV publicará o IPC-S da terceira quadrissemana de fevereiro e o IGP-M de fevereiro; o Seade/Dieese publicará a Pesquisa de Emprego e Desemprego de janeiro; o BACEN divulgará uma Nota à imprensa sobre Política monetária e operações de crédito em janeiro; e a Fiesp/Ciesp, o INA e NUCI de janeiro. Na sexta-feira, teremos a divulgação do IPC da terceira quadrissemana de fevereiro, pela FIPE; a Sondagem do consumidor de fevereiro, pela FGV; e a Nota a imprensa sobre política fiscal de janeiro, pelo BACEN.

No exterior, nos Estados Unidos, na segunda-feira teremos o Índice atividade Fed Chicago de janeiro. Na terça-feira, teremos o Índice de preços de imóveis S&P/Case-Schiller de dezembro; Bernanke discursará no senado; Confiança do consumidor de fevereiro; e o Índice atividade Fed Richmond de fevereiro. Na quarta-feira, teremos os dados semanais do setor hipotecário; estoques semanais de petróleo e derivados; e as vendas de imóveis existentes de janeiro. Na quinta-feira, teremos os pedidos iniciais de auxílio desemprego semanais; os pedidos de bens duráveis, de janeiro; e as vendas de imóveis novos, de janeiro. Na sexta-feira, teremos o PIB do quarto trimestre de 2008, anualizado; Consumo pessoal do quarto trimestre de 2008; o Índice dos gerentes de compra de Chicago de fevereiro; e o Índice de Confiança da Universidade de Michigan de fevereiro.

Na Zona do Euro, na terça-feira, teremos a conta corrente de dezembro; e as encomendas à indústria, de dezembro. Na quinta-feira, teremos os Indicadores de clima para os negócios de fevereiro. Na sexta-feira, teremos a taxa de desemprego de janeiro; e o CPI de janeiro.

Considerando exclusivamente a Alemanha dentro da Zona do Euro, na terça-feira teremos a pesquisa IFO de fevereiro. Na quarta-feira, teremos o PIB do quarto trimestre de 2008. Na quinta-feira, teremos a taxa de desemprego ILO de janeiro; e o CPI de fevereiro.

No Reino Unido, na quarta-feira, teremos o PIB do quarto trimestre de 2008. Na quinta-feira, teremos a Pesquisa de confiança do consumidor GFK de fevereiro.

Finalmente, no Japão, na segunda-feira, teremos a divulgação da Ata do BoJ. Na terça-feira, teremos a Balança comercial de mercadorias de janeiro. Na quinta-feira, teremos a taxa de desemprego de janeiro; o CPI de fevereiro; o comércio varejista de janeiro; e a produção industrial de janeiro.

Yann Le Boulluec Alves – ECONOMISTA CHEFE

yann.alves@grupofundamentum.com.br

TERMO DE EXONERAÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Este documento tem como objetivo servir de base para a discussão de elementos do ambiente econômico e setorial, através da compilação de informações e exposição de análises e de pontos-de-vista.

Tomamos os melhores cuidados com a confiabilidade das informações e de suas fontes, mas não podemos garantir a exatidão das mesmas ou das análises realizadas sobre elas. Todas as informações aqui contidas a título de "projeção" ou "previsão" se referem a análises com base em elementos e tendências atuais, cujos pressupostos podem mudar significativamente ao longo do tempo. O Grupo Fundamentum e suas coligadas não se responsabilizam por decisões tomadas com base neste relatório. Tanto o Grupo Fundamentum e suas coligadas quanto seus eventuais colaboradores e consultores, bem como convidados que figuram neste relatório, podem manter posições em ativos mencionados neste documento, bem como podem estar participando ou ter participado de projetos de consultoria/assessoria relacionados a organizações e pessoas aqui mencionadas. Os profissionais que figuram neste documento não são, necessariamente, vinculados ao Grupo Fundamentum e suas coligadas em qualquer aspecto. Ainda, no caso deste conteúdo ser distribuído no âmbito de contrato entre Grupo Fundamentum e suas coligadas e Internet Securities do Brasil Ltda (Grupo Euromoney), o Grupo Fundamentum e suas coligadas garantem ter os direitos de utilização econômica e/ou autorais relativos a este material, ou autorização, exceto aqueles dados que estiverem em domínio público. Se o documento foi recebido por engano, ou se não deseja mais recebê-lo, queira responder à mensagem eletrônica com ordem de interrupção do envio como "deletar", ou enviar e-mail com esta solicitação para yann.alves@grupofundamentum.com.br. Este documento não se destina a oferecer ou solicitar compra ou venda de quaisquer bens ou serviços.